



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE  
DEPARTAMENTO DE TEATRO  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA EM TEATRO**

**ÁTILA FRANK MOURA SOUSA**

**Louvade Seja: em busca de uma divindade bicha**

**FORTALEZA  
2022**

ÁTILA FRANK MOURA SOUSA

Louvade Seja: em busca de uma divindade bicha

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Artes Cênicas do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciado em Teatro.

Orientadora: Profa. Dra. Juliana Maria Girão Carvalho Nascimento.

FORTALEZA

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Sistema de Bibliotecas  
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

S6981 Sousa, Átila Frank Moura.

Louvade Seja : em busca de uma divindade bicha / Átila Frank Moura Sousa. – 2022.  
46 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e Arte, Curso de Teatro, Fortaleza, 2022.

Orientação: Profa. Dra. Juliana Maria Girão Carvalho Nascimento.

1. Bicha. 2. Espiritualidade bicha. 3. Performance. 4. Experimentação artística. 5. Teatro LGBTQIA+. I. Título.

CDD 792

---

ÁTILA FRANK MOURA SOUSA

LOUVADE SEJA: EM BUSCA DE UMA DIVINDADE BICHA

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Artes Cênicas do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciado em Artes Cênicas.

Aprovada em 08/12/2022

BANCA EXAMINADORA

---

Profa Dra Juliana Maria Girão Carvalho Nascimento (Orientadora)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Profa Mestre Maria Vitória Alves de Freitas  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Profe Mestre Levi Mota Muniz  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Este trabalho é dedicado a todas/todes/todos que estiveram e estão comigo nesses mais de dois anos de pesquisa e que acreditaram nas minhas loucas ideias.

Este trabalho também é dedicado a todas as manas que não conseguiram chegar até aqui.

Por fim, este trabalho é dedicado às bichas divinas que existem dentro de cada uma de nós. Louvades sejam.

## AGRADECIMENTOS

Obrigade a minha mana SOUMA por ter sido a primeira a dizer “sim. E por ser a que sempre diz “sim”.

Obrigade a bicha Levi Mota Muniz por sua generosidade e atenção de olhar para esta pesquisa.

Obrigade a Gustavo Portela por ser sempre generoso comigo, mais especificamente pela sua generosidade durante o processo de “Nossa Senhoras das Bichas”.

Obrigade ao meu amor Davi Sampaio, pois, sem você, eu não teria conseguido. Pelo menos, teria conseguido com mais sofrimento. Obrigade por ser meu centro e meu norte.

Obrigade aos meus mestres Maria Vitória, Graça Freitas, Ricardo Guilherme e Juliana Carvalho, pois foi com a orientação de vocês que cheguei até aqui. Além das artes, vocês são as minhas referências de vida.

Vocês homens, vocês fizeram tudo muito direitinho, né? Vocês armaram um circo completo. Vocês mancomunam entre si. Vocês fizeram os seus joguinhos. Vocês fizeram as suas redes. Vocês se ajudaram. Vocês se beneficiaram. Vocês estavam fazendo as coisas todas para se proteger. E deixando ao feminino um lugar recluso, competindo por vocês. Mas que joguinho sujo. E acharam que a gente não fosse fazer nada. Achavam que isso iria passar impune. Então, percebam que a tática, essa sua tática, também pode ser corrompida. E também pode ser usufruída por nós, pelo feminino. Nós podemos aprender. Nós vamos invadir esses espaços. Nós vamos aprender as suas técnicas e nós vamos melhorá-las. Nós vamos aprimorá-las. E vamos usar entre nós. Vamos criar uma rede de apoio entre nós. Vamos aprender a lutar. Vamos pegar em armas. Vamos pegar nossos corpos como armas. E, aí, o jogo vai virar para vocês. E eu não quero estar na pele de vocês. (QUEBRADA, Linna da. “Bixa Travesty”, 2018.)

Where do I belong?  
Tell me your story and I'll tell you mine  
I'm all ears, take your time, we got all night  
Show me the rivers crossed, the mountains scaled  
Show me who made you walk all the way here  
Settle down, put your bags down  
You're alright now  
We don't need to be related to relate  
We don't need to share genes or a surname  
You are, you are  
My chosen, chosen family  
So what if we don't look the same?  
We been going through the same thing  
You are  
My chosen, chosen family  
Hand me a pen and I'll rewrite the pain  
When you're ready, we'll turn the page together  
Open a bottle, it's time we celebrate  
Who you were, who you are  
We're one and the same  
I chose you  
You chose me  
We're alright now  
(SAWAYAMA, Rina. "Chosen Family", 2020)

## RESUMO

Este texto se trata de um relato de experiência, em que se investiga o devir ser bicha em sua relação com o divino. São fontes de inspiração para essa investigação Castiel Vitorino Brasileiro e Ventura Profana, que apontam para a ruptura de uma espiritualidade previamente estabelecida cis-heteronormativa-judaico-cristã-branca. Os elementos que compõem o relato são oriundos da minha experiência pessoal, desde vivências da infância com personagens percebidos como referência do ser bicha e seu lugar no mundo até os percursos recentes da construção de uma esquete, uma oficina e um curta sobre o devir bicha. Através dos percursos propostos foram identificados as múltiplas possibilidades do devir/ser bicha para mim mesmo e para os participantes dos trabalhos criados nesta trajetória. Concluindo com a importância de construir espaços de pesquisa, formação e de expressão artística para as bichas se identificarem e compartilharem as suas vivências.

Palavras-chave: bicha, espiritualidade bicha, performance, experimentação artística, teatro LGBTQIA+

## **ABSTRACT**

This text is an experience report, where I will investigate the queer becoming in its relationship with the divine. Sources of inspiration for this investigation are Castiel Vitorino Brasileiro and Ventura Profana, who point to the rupture of a previously established cis-heteronormative-Jewish-Christian-white spirituality. The elements that make up the report come from my personal experience, from childhood experiences with characters perceived as a reference of being queer and its place in the world to the recent paths of the construction of a skit, a workshop and a short film about becoming queer. Through the proposed paths, the multiple possibilities of becoming/being a queer were identified for myself and for the participants of the works created in this path. Concluding with the importance of building spaces for research, training and artistic expression for the queers to identify and share their experiences.

Keywords: queer, queer spirituality, performance, artistic experimentation, LGBTQIA+ Theater

## **LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

<b>FOTO 1.....</b>	<b>20</b>
<b>FOTO 2.....</b>	<b>21</b>
<b>FOTO 3.....</b>	<b>22</b>
<b>FOTO 4.....</b>	<b>22</b>
<b>FOTO 5.....</b>	<b>31</b>
<b>FOTO 6.....</b>	<b>32</b>
<b>FOTO 7.....</b>	<b>41</b>
<b>FOTO 8.....</b>	<b>42</b>
<b>FOTO 9.....</b>	<b>43</b>

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>REFERÊNCIAS E INSPIRAÇÕES</b> .....	<b>13</b>
<b>2.1</b>	<b>O nascimento da ideia</b> .....	<b>13</b>
<b>2.2</b>	<b>Dramaturgia</b> .....	<b>18</b>
<b>3</b>	<b>CONSTRUÇÃO DA PESQUISA</b> .....	<b>23</b>
<b>3.1</b>	<b>Esquete “Nossa senhora das Bichas”</b> .....	<b>24</b>
<b>3.2</b>	<b>Oficina “Em busca de uma divindade Bicha”</b> .....	<b>32</b>
<b>3.3</b>	<b>Curta “Louvade Seja”</b> .....	<b>37</b>
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>44</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>45</b>
	<b>ANEXOS</b> .....	<b>46</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Antes de tudo: este é um trabalho sobre aprendizado.

No começo, havia algumas questões a serem respondidas na minha cabeça. Principalmente sobre mim mesmo. Durante estes mais de dois anos de pesquisa, creio que essas questões foram aumentando, esticando, mudando de forma e se complexificando. Apesar de não ter encontrado uma certeza, fui entendendo mais sobre quem eu sou e sobre o que eu queria encontrar. Por isso, esse é um trabalho sobre aprendizado. É sobre como olhei para mim e fiz as pazes com quem eu sou. Durante esses dois anos, eu acolhi e entendi quem eu sou. Foi um trabalho pessoal, pois foi com ele que desabrochei e me percebi como uma pessoa fora das binariedades, de qualquer binariedade, principalmente de gênero e sexualidade. Como me libertei e estou me libertando.

Por anos, eu queria me encaixar. Eu desejava um Deus. Mais especificamente, uma Deusa. Ou uma Deize. Alguém para me espelhar. Talvez, alguém para me explicar o porquê de eu ser como sou. Sou homem? Sou mulher? Sou gente mesmo? Faço minhas as palavras de Paul Preciado (2019, p.20):

Não sou homem. Não sou mulher. Não sou heterossexual. Não sou homossexual. Tampouco bissexual. Sou um dissidente do sistema sexo-gênero. Sou a multiplicidade do cosmo encerrada no regime político e epistemológico binário gritando diante de vocês. Sou um uranista confinado nos limites do capitalismo tecnológico.

Sim, eu sou uma dissidência. Eu sou alguém gritando por um nome. Eu desejava um nome. Um pronome. Um antenome. Até um antinome. Desejava que alguém me dissesse como eu deveria ser, porque ser eu não era suficiente. Ser eu não fazia sentido. O que eu queria era uma representação, porque ser eu não fazia sentido. Eu queria um auxílio, porque ser eu não fazia sentido. Eu queria que um ser superior, divinu, criador de tudo, me dissesse o que fazer, porque ser eu não fazia sentido. O grande aprendizado nesse caminho todo é que ser não faz mesmo sentido. Por isso, este é um trabalho sobre aquelas/es que não fazem sentido. Sobre quem quebra a ordem cis-branca-hétero. É sobre quem quebra a binariedade por binariedade. Este é um trabalho sobre minha família, minhas parceiras, minhas irmãs, as pessoas que estiveram ao meu lado. Este é um trabalho sobre essas divas. Essas bichas. Essas bichas divinas. Este trabalho é sobre ser bicha. É sobre acolher a si e as manas que estão no nosso lado.

Por dois anos, pesquisei sobre a busca dessa divindade bicha. Desde o começo, eu tinha na cabeça um cronograma de etapas a serem seguidas. Eu planejei que precisaria levantar pequenas cenas em sala de ensaio. Depois de unir a dramaturgia dessas cenas, eu as agruparia em uma esquete a ser apresentada. Depois, voltaríamos à sala de ensaio para levantar mais cenas para o espetáculo maior. Entre a esquete e o espetáculo maior, eu desenvolveria oficinas e performances, que serviriam de experimentação para a pesquisa e de onde retirariamos material para a construção dramaturgica. Inclusive, este presente trabalho já estava no meu projeto inicial.

Com a ajuda das minhas manas, aconteceu mais ou menos como o planejado. Conseguimos construir uma esquete chamada “Nossa Senhora das Bichas”, em 2020. Depois, fizemos uma oficina chamada “Em Busca de uma Divindade Bicha” no ano seguinte. Por fim, como produto final, um curta chamado “Louvade Seja”, em 2022, onde tudo se amarra e onde coloquei tudo o que aprendi ao longo desses mais de dois anos.

Dividi este trabalho em seções. Na primeira, chamada de “Referências Experienciais”, falo do surgimento da ideia desta pesquisa e dos artistas e pensadores que me influenciaram. Em “Construção da Pesquisa”, narro todos os processos que passei durante estes dois anos, desde a esquete “Nossa Senhora das Bichas” até o curta-metragem “Louvade Seja”. Dentro da seção “Referências Experienciais”, existem duas subseções chamadas “Origem da ideia” e “Dramaturgia”. Dentro da seção “Construção da Pesquisa”, existem três subseções sobre cada processo: uma para a esquete, outra para a oficina e, por fim, outra sobre o curta. Em cada subseção, narrarei os processos, assim como as impressões, os aprendizados e achados gerados por eles.

Por fim, é importante frisar que este trabalho também é sobre fazer arte em meio às adversidades. Fazer artes mesmo em meio a uma pandemia. Fazer arte mesmo em meio a tantas dúvidas e tantas inseguranças. Este trabalho é sobre fazer arte, mesmo que você se ache meio doida por ter as ideias que tem. Este trabalho é sobre como procurei uma divindade por tantos anos, sem saber que, na verdade, ela estava dentro de mim. Uma deize, que não é homem e nem mulher, mas tudo junto e misturado. Assim como eu. Por isso, ao longo deste texto, usarei vários pronomes, masculino, feminino e neutro. Mas isso não é o importante. Repito: ISSO NÃO É NENHUM POUCO IMPORTANTE. Foi graças a este trabalho que entendi que isso não é importante mesmo. Este trabalho é sobre a minha trajetória. E isso foi importante.

Este é um trabalho sobre aprendizado.

## 2 REFERÊNCIAS E INSPIRAÇÕES

Dividi essa seção em duas partes. A primeira explica um pouco como surgiu a ideia e a busca por uma divindade bicha, *genesis*. Nela, percebe-se que essa busca estava em mim há muito tempo, muito antes até de eu me perceber e me identificar como bicha. A bicha estava ali, assistindo televisão aos domingos, com a Vera Verão gritando “Epa!”. A segunda parte fala das influências que escolhi para esses dois anos de pesquisa. São mulheres que eu admiro e me espelho: Ventura Profana e Castiel Vitorino. Em cada passo que dei nesta pesquisa, eu me voltava de novo a elas e a ao trabalho delas.

### 2.1 O nascimento da ideia (*genesis*)

Tudo começou quando li “Nossa Senhora das Flores”, de Jean Genet. No livro, há uma personagem chamada Divina, uma mulher trans — alter-ego do autor — que também inspirou a drag queen Divine, famosa por participar dos filmes de John Waters. A personagem possui uma áurea de santa, de mártir, de mãe, de Nossa Senhora e — como o nome autodeclara — de divina, que me atraiu. Na época, eu estava em meio a rumações primitivas sobre a minha identidade e sobre os meus espaços de pertencimento. Havia muitas perguntas que, só muito tempo depois, fui compreender que estavam ligadas a minha não-conformidade com a binaridade de gêneros. Como uma bicha filha de uma formação católica, a figura das santas e, principalmente, de Nossa Senhora era um conforto à opressão heteronormativa das instituições. E a ideia da personagem Divina como uma Nossa Senhora bicha me foi um alento. Era como se eu tivesse encontrado algo na religião que, finalmente, pudesse me identificar. Algo que eu ansiava alcançar. Eu queria saber mais sobre como poderia existir uma figura como essa: uma Nossa Senhora das Bichas. Foi desse ponto que surgiu a pergunta inicial, o impulso que me transportaria para esta pesquisa: o que é uma divindade bicha?

Em verdade, a pergunta se ramifica em três, como uma Santíssima Trindade:

1. O que é uma divindade?
2. O que é ser bicha?
3. O que é uma bicha divina?

Por vivermos em uma sociedade cisheteronormativa, em que sempre houve espaços mínimos e precários para figuras dissidentes de sexo-gênero, eu acreditava na necessidade de construir uma cosmogonia bicha para mim. Uma mitologia para a minha bicha. Um devir

bicha meu. Eu precisava escrever sobre a gênese dessa divindade para que ela se fizesse existente, porque, até então, eu não a havia encontrado em qualquer religião, seita ou culto. (Aqui estou falando da perspectiva da minha cosmologia, que está muito ligada à mitologia cristã. Ao longo da minha pesquisa, entrei em contato com outras religiões e com figuras divinas que borram as binariedades de sexualidade e gênero, como as hijras da Índia e o orixá Oxumaré). Dentro da minha educação católica, uma divindade bicha não seria aceita. Em verdade, ela seria declarada como profana. Há a figura de São Sebastião, padroeiro dos homossexuais, porém a sua imagem cisheteronormativa não dialoga com a figura da bicha. Essa representatividade divina que eu buscava não cabia em nenhum espaço da estrutura religião-estado dominante. Então, ela precisava atravessar as rachaduras das ordens sociais a que fui moldada, abrir o seu próprio espaço e mostrar-se como possível. Vir a ser um corpo possível.

Importante frisar que, sobre divindade, fujo do conceito cristão, que remete a seres externos, distantes e inalcançáveis, habitantes de outros planos. Divino para mim não é um homem barbudo que decide quem vai para o Céu ou para o Inferno. Segundo a filosofia judaico-cristão, eu já irei para o Inferno mesmo. Aqui, trago a ideia de uma divindade interior e pessoal. Algo construído por mim. Para construir uma divindade que me representasse e representasse o que acredito que seja ser bicha, primeiramente, recorri ao dicionário. Segundo o dicionário Michaellis:

### **Deus**

- 1 REL, TEOL [com inicial maiúscula]** O ser supremo; o espírito infinito e eterno, criador e preservador do Universo; incriado.
- 2 REL, TEOL [com inicial maiúscula]** Ente tríplice e uno, infinitamente perfeito, livre e inteligente, criador e regulador do Universo.
- 3 CATOL [com inicial maiúscula]** Cada uma das pessoas da Santíssima Trindade.
- 4 FIG** Indivíduo ou personagem que, por qualidades extraordinárias, se impõe à adoração ou ao amor dos homens.
- 5 FIG** Objeto de um culto, ou de um desejo ardente que tem primazia sobre todos os outros desejos ou afetos.
- 6 REL, TEOL** Cada uma das divindades masculinas do politeísmo às quais se atribui a capacidade de influenciar os destinos do mundo.
- 7 FILOS [com inicial maiúscula]** Princípio único e supremo da existência e da atividade universais; primeiro motor e causa primeira do devir e da ordem do mundo.

O dicionário traz diversas definições sobre o divino. Para mim, a divindade tem mais a ver com os pontos 4 e 5, um indivíduo ou um personagem que, por sua beleza, sabedoria, encanto e outras habilidades extraordinárias, transcende o humano. E, assim, se torna objeto

de culto e adoração. Quando era criança, a minha visão de divino era a de “Priscilla, rainha do deserto” (1994), na famosa cena do ônibus, com o tecido flutuando ao vento. Para uma criança-bicha, a imagem daquela pessoa que borra gêneros era tudo o que eu queria ser. Outra personagem que me atraía era Vera Verão, interpretada pelo ator Jorge Lafond (1952-2003). Aquela figura carregava um tremendo mistério e encanto para mim. Um homem preto com mais de um metro e oitenta, enorme, com um vestido, plumas e paetês, brincos de argola e maquiagem, aparecendo todos os domingos à tarde na TV aberta. A Vera Verão era o mais próximo de uma deusa que eu podia conceber. Eu queria entender Vera Verão. Eu queria ser Vera Verão. Em plena década de 90, essas duas figuras mexeram com a minha ideia de gênero e de divino. Elas equilibravam o masculino e o feminino em si, não sendo mais binários, mas sendo o além gênero, o além da cis-normalidade.

Em geral, o masculino é o lado que nos exclui, que nos humilha e que nos mata. O masculino quer destruir e subjugar tudo o que não é seu espelho. Para uma criança-bicha, as figuras femininas são mais acolhedoras do que as masculinas. Não à toa, as imagens de Nossa Senhora me atraíam mais do que qualquer outra divindade da Igreja Católica. As figuras masculinas me causavam medo. Quanto mais próximo de uma cisheteromasculinidade a pessoa tinha, mais eu tinha medo de ela me causar algum tipo de agressão. Era o oposto das figuras femininas. Eu cresci me espelhando em mulheres. Algumas dessas mulheres ou eram benzedoras ou frequentavam uma com frequência. Eu cresci em meio a essas mulheres em oração. Para mim, a visão de divino está muito ligada a essas mulheres.

Sendo assim, eu precisava construir um mito, uma mitologia na qual aquelas representações divinas pudessem habitar. Era a construção de uma mitologia pessoal.

Na época da minha infância, Vera Verão gritava “Epa! Bicha não!”, pois ela entendia o termo “bicha” como ofensivo. Eu resgato esse termo. “Epa” Bicha sim!”. De certa forma, esta pesquisa, desde a esquete “Nossa Senhora das Bichas” até o curta “Louvade Seja” é um grito de “Epa! Bicha sim”.

Por estar falando da minha gênese, da mitologia da minha bicha, acreditei que as respostas viriam do meu corpo, de dentro para fora. De mim para os outros. Propus-me um mergulho no “eu” – da bicha que eu sou e da bicha que eu quero vir a me tornar, essa bicha divina a qual estou em busca –, um trabalho nas minhas memórias que me acompanharam nos espaços onde nasci e cresci. Um mergulho nos elementos que moldaram o meu imaginário bicha e também moldaram quem eu sou. Estruturei um estudo para a construção de um corpo divino, um corpo da minha bicha divina, centrando a pesquisa na observação da tríade

corpo-memória-espço. Assim, chamei a pesquisa de “Nossa Senhora das Bichas: o corpo, o espaço e a memória na construção de uma divindade bicha”. Trago a ideia do espaço e do corpo como receptáculos de memórias. Nesse sentido, seria um estudo de como o meu corpo e o corpo a ser construído se relacionariam com as minhas memórias pessoais e as do espaço onde eu nasci e cresci.

Sendo assim, a bicha divina seria um conceito pessoal, uma persona criada sobre um devir bicha, com base na mitologia individual de cada uma:

A origem da bixa? A origem das bixas é você. A origem das sapsas? A origem das sapsas é você. A origem das trans? A origem das trans é você. Você é bixa, você é trans, você é sapa. Então você é a origem. Você é a sua origem. Você é o ponto de partida, o seu, o único de que você dispõe (VIDARTE, 2019, p. 58).

Nesse trecho de “Ética Bixa”, Paco Vidarte afirma que a origem da bicha — ou a origem da nossa bicha divina — é pessoal. Não teria como eu conceituar uma divindade que representasse todas as bichas, afinal, como ele diz, nós somos o único ponto de partida que dispomos. A minha bicha pessoal é minha, baseada nas minhas memórias, nas memórias do meu corpo e nas memórias dos espaços que me originaram.

Ao longo do processo de pesquisa, deparei-me com Judith Butler e o conceito de “corpos que importam (do inglês, *matter*)”, a que autora fala:

Em primeiro lugar, a performatividade deve ser entendida não como um “ato” singular ou deliberado, mas como uma prática reiterativa e citacional por meio da qual o discurso produz os efeitos daquilo que nomeia. O que espero que fique claro no que se segue é que as normas regulatórias do “sexo” trabalham de forma performativa para constituir a materialidade dos corpos e, mais especificamente, para materializar o sexo do corpo, para materializar a diferença sexual a serviço da consolidação do imperativo heterossexual (BUTLER, 2019, p. 21).

Uma vez que os “corpos possíveis” — materializados — são os normativos e cisheterossexuais, os demais deixam de existir, pois a norma é repetir o padrão, reafirmando-o, replicando-o e consolidando-o. “Portanto, o ‘sexo’ é não apenas o que se tem ou uma descrição estática do que se é: será uma das normas pelas quais o ‘sujeito’ pode chegar a ser totalmente viável, o que qualifica um corpo para a vida dentro do domínio da inteligibilidade cultural” (BUTLER, 2019, p. 21).

Ao fugir dessa norma, torna-se um corpo que não é possível — imaterial —, portanto utópico. Na pesquisa, gostaria de trabalhar com o utópico. A bicha como corpo representante de uma disrupção à norma. O clamor a sonhar com novas formas de corpos e

possibilidades. Sendo assim, ao aplicarmos a existência da bicha, ela se torna possível. Quem sabe, ao ser repetido, poderá se tornar um “corpo possível”, um “corpo que importa”. Em um clamor político, esse trabalho também se propõe a mostrar que as existências bichas importam. Ao se criar um corpo divino e bicha, podemos abrir caminhos para que mais corpos bichas também sejam possíveis e divinos.

O mito ciborgue criado por Donna Haraway, em seu ensaio *Manifesto Ciborgue* (2009), fala desse ser mítico construído, que “[...] significa fronteiras transgredidas, potentes fusões e perigosas possibilidades – elementos que as pessoas progressistas podem explorar como um dos componentes de um necessário trabalho político” (HARAWAY, 2009, p.46). Em outras palavras, esse mito fala, que no século XX, somos todos ciborgues – somos todos quimeras, híbridos, teóricos e fabricados. Portanto, nada é natural. Tudo é fruto de uma construção. Assim como o gênero.

A ficção científica contemporânea está cheia de ciborgues – criaturas que são simultaneamente animal e máquina, que habitam mundos que são, de forma ambígua, tanto naturais quanto fabricados. A medicina moderna também está cheia de ciborgues, de junções entre organismo e máquina, cada qual concebido como um dispositivo codificado, em uma intimidade e com um poder que nunca, antes, existiu na história da sexualidade. O sexo-ciborgue restabelece, em alguma medida, a admirável complexidade replicativa das samambaias e dos invertebrados – esses magníficos seres orgânicos que podem ser vistos como uma profilaxia contra o heterossexismo [...]. Estou argumentando em favor do ciborgue como uma ficção que mapeia nossa realidade social e corporal e também como um recurso imaginativo que pode sugerir alguns frutíferos acoplamentos (HARAWAY, 2009, p.35-36).

O corpo da bicha pode ser um ciborgue, no limiar do pós-gênero, rompendo as binariedades masculino/feminino, cis/trans, gay/hétero, criando significados e significâncias fluidas. Ao construir esse corpo da bicha divina que idealizo, faço um trabalho político de romper com as dominações ocidentais de Estado, Corpo – materialidade e realidade – e Religião. Assim, afirmo o local da minha bicha divina em uma ficção, apocalíptica e segmentadora, similar ao ciborgue de Haraway (2009, p. 39):

O ciborgue é uma criatura de um mundo pós-gênero: ele não tem qualquer compromisso com a bissexualidade, com a simbiose pré-edípica [...]. Em certo sentido, o ciborgue não é parte de qualquer narrativa que faça apelo a um estado original, de uma “narrativa de origem”, no sentido ocidental, o que constitui uma ironia “final”, uma vez que o ciborgue é também o telos apocalíptico dos crescentes processos de dominação ocidental que postulam uma subjetivação abstrata, que prefiguram um eu último, libertado, afinal, de toda dependência – um homem no espaço.

Com esse trabalho, decidi postular um chamado a ser bicha: um ser que borra os gêneros e normas hétero-cis-branka. Assim, construir novas naturezas e normalidades sociais. O meu mito da bicha se relaciona com os conceitos de ciborgue de Haraway, mas também com as teorias contrassexuais de Paul B. Preciado (2022, p. 22-23):

A contrassexualidade é também uma teoria do corpo que se situa fora das oposições homem/mulher, masculino/feminino, heterossexualidade/homossexualidade. Ela define a sexualidade como tecnologia, e considera que os diferentes elementos do sistema sexo/gênero denominados “homem”, “mulher”, “homossexual”, “heterossexual”, “transexual”, bem como práticas e identidades sexuais, não passam de máquinas, produtos, instrumentos, aparelhos, truques, próteses, redes, aplicações, programas, conexões, fluxos de energia e de informação, interrupções e interruptores, chaves, equipamentos, formatos, acidentes, detritos, mecanismos, usos, desvios.

Com essas referências, traço que a construção da bicha divina é a construção de um ser interplanetário, utópico, mitológico, ciborgue, pertencente a uma realidade distópica e apocalíptica, onde as binariedades são rompidas e substituídas pela anarquia e pela fluidez.

## 2.2 Dramaturgia (*leviticus*)<sup>1</sup>

Durante esta pesquisa, desenvolvi uma esquete chamada “Nossa Senhora das Bichas”, em 2020. Também uma oficina voltada para o público juvenil chamada “Em Busca de uma Divindade Bicha”, em 2021. Por fim, um curta metragem chamado “Louvade Seja”, no ano de 2022. Há ainda o projeto de construção de um espetáculo, derivado da esquete e do curta, que sintetizará todos os acúmulos aprendidos ao longo desses dois anos de pesquisa. Contudo, falarei mais detalhadamente desses trabalhos no decorrer deste texto.

Ao longo desses trabalhos, agreguei referências das artistas e pesquisadoras: Ventura Profana e Castiel Vitorino Brasileiro, assim como Linn da Quebrada e tantas outras. Essas artistas me ajudaram a visualizar uma dramaturgia escrita de todos os trabalhos que desenvolvi. Com elas, percebi que poderia me apossar de signos de opressão, subvertê-los e torná-los armas para um grito de empoderamento e libertação para mim e para tantas outras bichas que possam se influenciar pelo que eu estava desenvolvendo.

---

<sup>1</sup> Referência ao livro Levítico da Bíblia, onde estão passagens específicas para sacerdotes, que serviram como bases as igrejas neopentecostais, como a Igreja Universal do Reino de Deus, para condenar hábitos e pessoas que não seguem as “Leis de Deus”, como LGBTQIA+, outras religiões e cultos.

Assim como Ventura Profana e Castiel Vitorino, usei esses signos para construir uma religiosidade em que eu fosse aceite. Se o Cristianismo me oprime e diz que eu vou para o Inferno, construirei o meu próprio Paraíso, onde as bichas podem ser felizes por toda a eternidade e onde nenhum LGBTfóbico poderá pôr seus pés.

Foi com a influência dessas e demais outras artistas e pesquisadoras LGBTQIA+, que pude enxergar que o meu desejo de um Paraíso para as bichas é possível. Mesmo que, inicialmente, apenas no palco ou na tela de cinema. Um dia, essa ideia sairá do campo da ficção e da utopia e se tornará realidade. Teremos a nossa vitória.

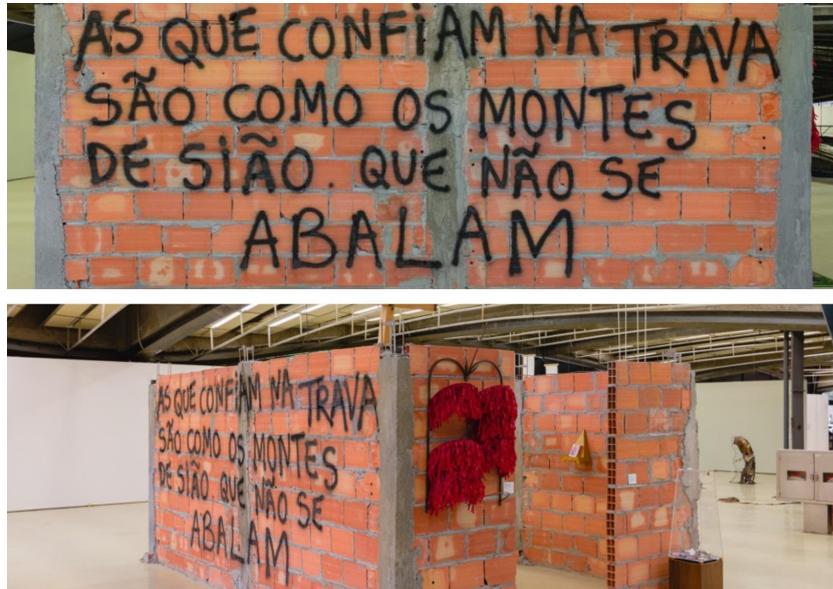
Ventura Profana é pastora missionária, cantora evangelista, escritora, compositora e artista visual, cuja arte interroga as implicações e efeitos do Deuteronômio<sup>2</sup> no Brasil e no mundo e como é difundido pelas igrejas neopentecostais. Ela retrata as formas de vida das travestis negras brasileiras, entrelaçando elementos religiosos e a crítica da macropolítica e da violência estrutural. No trabalho “Plantações de Traveco Para a Eternidade” (2020), ela escreveu em um muro, como mostra a ilustração 1: “As que confiam na trava são como os montes de Sião que não se abalam”. Ventura Profana também é cantora. Em 2020, lançou o seu primeiro álbum “Traquejos Pentecostais Para Matar o Senhor”. Segundo ela, o álbum “é fruto da junção benta dos louvores~ministrações de VENTURA PROFANA ao toque~batida saturado de shofar e tambor de PODESERDESLIGADO, que invocam fôlego para ressuscitar e ensejo de restituição, na congregação preta, trans~travesti, originária”. Na música “Vitória” (2020), presente no álbum, traz os elementos religiosos como exaltação das travas e das trans:

Pras que foram perseguidas por ser trava no sistema  
Eternidade  
Às que caminham incessantes no deserto  
Manancial  
Às que explodem norma, lei, branca bondade  
Reparação  
Pras que acreditam na trava vitoriosa  
Não há mais condenação  
Vitória, vitória, vitória  
Vou passar pelo fogo, não vou me queimar  
Vou passar pelas águas, não vou me afogar  
Contra mim todo macho retrocederá  
Nome de travesti tem poder  
( PROFANA, 2020)

---

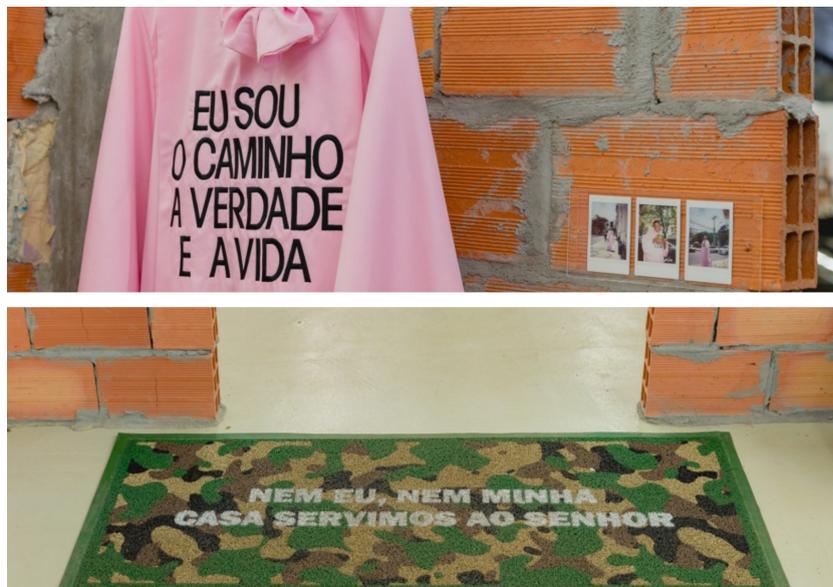
<sup>2</sup> Deuteronômio é o quinto livro da Bíblia, onde estão os Dez Mandamentos de Moisés, leis e estatutos judaico-cristãos. Assim como o livro de Levítico, é um livro usado, principalmente pelas igrejas protestantes neopentecostais, para condenar LGBTQIA +. O livro do Deuteronômio é usado como arma contra pessoas, justificando a sua perseguição.

Ilustração1: “Plantações de Traveco Para a Eternidade” (2020)



FONTE: Prêmio Pipa: <https://www.premiopipa.com/ventura-profana/>

Ilustração 2: “Plantações de Traveco Para a Eternidade” (2020)



FONTE: Prêmio Pipa: <https://www.premiopipa.com/ventura-profana/>

Com “Plantações de Traveco Para a Eternidade”, Ventura tenta compreender métodos de desenvolvimento de soros, antídotos para um veneno que é colonial, mas um veneno que se organiza, se estrutura e é sustentado pelo Cristianismo e por suas diversas ramificações. Com suas práticas, ela procura compreender melhor, de dentro para fora, entendendo toda a sua formação familiar, dentro de um contexto na Igreja Batista, como que o Senhor, como uma mente, como um domínio senhorio que deseja a eternidade pode ser desmantelado, pode ser destruído, pode ser, de alguma forma, lavado e, a partir disso, encontrar maneiras de garantir a plenitude na vida dissidente, na vida travesti, na vida preta. Nesse trabalho, ela busca de fato trazer para um campo concreto a edificação da congregação, de uma congregação que realmente garanta a presença da vida da travesti.

Castiel Vitorino Brasileiro é artista, pesquisadora e psicóloga, que estuda e constrói espiritualidade e ancestralidade travesti através da estética das ritualidades afrodescendentes. Em seus trabalhos, trabalha a memória, a ancestralidade e a espiritualidade do ser travesti.

Assim como nas referências de Ventura, com Castiel eu trouxe a necessidade de acessar ancestralidades negadas para a construção de novos rituais/novas ritualidades. Acessei as minhas raízes católicas e minhas raízes junto das rezadeiras para a construção da ideia de uma nova religiosidade.

Ilustração 3: Performance "Espiritualidade Travesti" (2020)



FONTE: <https://castielvitorinobrasileiro.com/>

Ilustração 4: Podcast “Macumbas Travestis” (2020)



FONTE: <https://castielvitorinobrasileiro.com/>

A poética de Castiel é uma prática de sacrifícios cotidianos. Ela utiliza tanto a escrita quanto a imagem e o vídeo, esculturas em cerâmica e diversos outros materiais para mostrar e dizer que algumas mitologias foram construídas socialmente, especialmente para pessoas racializadas como negras e pessoas travestis, que não passam de falácias e distrações. Ela faz convites e lembretes. Lembretes que é possível viver outra história, que não é essa “socialmente aceita” racial e de gênero. Em seus trabalhos, ela busca tornar-se imensurável. Ela constrói uma postura espiritual própria, que é a sua poética. Para isso, ela trabalha com imagens, nas quais ela se relaciona com elementos como o fogo, a água, a terra, mas não a partir de identidades modernas, mas a partir de sua própria percepção de espiritualidade.

Essas duas artistas, em seus trabalhos, me ajudaram a perceber que é possível construir uma espiritualidade própria, mais bicha e mais livre, não-binária, minha, que não é essa que socialmente me foi imposta. Elas me ensinaram que é possível romper. Por mais que seja difícil, por mais que nos seja imposto todo dia uma norma, é possível romper. Aos poucos, é possível que a barragem extravase.

### 3 CONSTRUÇÕES DA PESQUISA (AS BOAS NOVAS)

Dividi esta seção em três subseções, onde falarei dos três processos desta pesquisa que foram abertos ao público: a esquete “Nossa Senhora das Bichas”, a oficina “Em Busca de Uma Identidade Bicha” e o curta “Louvade Seja”. Apesar de tê-los dividido, eu enxergo os três processos como um só. Eles são parte do todo que é esta pesquisa. Contudo, eles são etapas de aprendizado. A partir das percepções e das descobertas na esquete, consegui formular a oficina. Assim como as percepções e as descobertas da oficina ajudaram no curta.

Assim, posso dizer que eu era uma pessoa diferente na esquete, outra na oficina e outra no curta. E, agora, enquanto escrevo este trabalho, sou alguém totalmente diferente do que era durante a construção do curta.

O objetivo dessas subseções é relatar a realização, as experiências e os aprendizados em cada etapa. Assim, relatar os mesmos na pesquisa como um todo.

#### 3.1 Esquete “Nossa Senhora das Bichas”

Usando essas bases que relatei na seção passada, propus um espetáculo de teatro chamado “Nossa Senhora das Bichas”, que seria um chamado aos terráqueos a compartilharem o meu sonho de tornar esse corpo da minha bicha divina um corpo possível. Seria um convite à xenofilia, considerando que a bicha é tido como um ser de outro planeta, desconhecida e envolta de mistério. Assim como Priscilla, assim como Vera Verão, criar o mistério e o mito da bicha, esse ser de outro plano, de outro planeta, de outra realidade. Ela habita em uma realidade própria, o seu planeta não-binário, trans e decolonial. Esse outro planeta não tão distante da Terra, que é possível aos terráqueos visitarem, se assim os interessar. Como nas palavras de Preciado:

Não preciso mais afirmar que sou uma alma de homem presa no corpo de mulher. Não tenho alma e não tenho corpo. Sou o cosmos. Tenho um apartamento em Urano, o que certamente me coloca longe da maioria dos terráqueos, mas não tão longe que não possam viajar para cá. Nem que seja em sonho (PRECIADO, 2020, p. 21-22).

Nesse sentido, imaginei o espetáculo como um ritual de celebração da divindade bicha. Para isso, trouxe a *ballroom*<sup>3</sup>, entendendo que as chamadas *Balls* — ou bailes —

<sup>3</sup> A *Ball* é uma competição dentro da cena LGBTQ+, surgida nos Estados Unidos, mais ou menos na década de 70 e 80, que existe até hoje. Esse evento é um momento onde a comunidade LGQTIA+ se reúne para celebrar. Existem as categorias, que são modalidades da competição, elas vão desde *runaway*, onde as competidoras

seriam o que há de mais próximo de um ritual/celebração dentro da comunidade LGBTQIA+. A dramaturgia se focaria em contar a história de uma bicha, a chamada Nossa Senhora das Bichas, uma espécie de padroeira da comunidade LGBTQ+, uma figura criada para representar um pouco da história de muitas bichas. Uma espécie de representante, figura divina em que a memória de todas as bichas que vieram antes se armazena e, através dela, podem falar. A história seria baseada tanto em relatos reais quanto em ficção.

O meu encontro com SOUMA foi decisivo para o projeto. Além de atuar na esquete, ela foi responsável por construir a dramaturgia comigo. Nós duas, duas pessoas trans não-binaries, mesmo tendo origens muito diferentes, encontramos outras similaridades entre nós, como de termos o local de crescer com as opressões heteronormativas cristãs. Ela contribuiu imensamente na construção e na organização das ideias e dos conceitos dramáticos, atuando como atriz e como dramaturga. Construímos juntas as diversas versões do roteiro que haveria de ser posteriormente usado na esquete.

Nesse processo de construção, instituímos uma pergunta-guia: como é ser e crescer bicha em um lar cristão? Para respondê-la, fizemos algumas imersões em sala de ensaio, resgatando nas memórias aqueles e aquelas que passaram por nossas vidas e fizeram nós sermos quem somos. Através de improvisações cênicas, fomos (re)descobrimos as nossas crianças-bichas. Entendemos que as pessoas, os lugares e as memórias que elas carregam moldam quem somos. Nesse sentido, propus à SOUMA um resgate às memórias da infância. Quem foram as pessoas que passaram por nossas vidas e moldaram as bichas que somos hoje? Quais outras bichas nos influenciaram. No meu caso, havia muito de Vera Verão, havia muito de Priscilla, havia muito de muitas outras bichas famosas. Havia também muitas outras bichas que eu via no meu dia-a-dia. Essas pessoas que eu talvez nem saiba o nome, muitas bichas de bairro, que muitos conhecem, mas poucos falam, como era Dandara dos Santos<sup>4</sup>. Há também muito das nossas manas, as bichas que estão no nosso lado, fazendo os corres conosco. Todas

---

desfilam e mostram a sua habilidade de “caminhar” na passarela, à performance de voguing. Também há categorias de *looks* temáticos e beleza. Os troféus são em formato de bola (“ball” em inglês, daí a origem do nome do evento). A maioria dos participantes pertence a alguma *House*, uma família, liderada por uma “mãe” ou um “pai”, que fornecem orientação, apoio e até moradia às “crianças” da casa. Entre as mais famosas estão a House of Ninja (fundada por Willi Ninja), House of Aviance (fundada por Madre Juan Aviance), Xtravaganza (fundada por Hector ‘Xtravaganza’ Valle), Infiniti, Mizrahi, LaBeija (fundada por Crystal LaBeija), House of Dupree (fundada por Paris Dupree), House of Amazon (fundada por Leoimy Maldonado), e House of Mugler. Normalmente, os membros da house adotam o nome de seu grupo como seu último nome.

<sup>4</sup> Dandara dos Santos, travesti torturada e cruelmente assassinada em fevereiro de 2017, no bairro Bom Jardim, na capital cearense. Os algozes filmaram o assassinato de Dandara e divulgaram as imagens nas redes sociais. O caso de Dandara dos Santos foi simbólico e marcou a luta contra a impunidade aos crimes de LGTBcídio.

essas pessoas e todas essas memórias moldaram a nossa bicha. Por isso, era tão importante acessar e invocar essas memórias, trazendo-as para cena. Dançar no palco com elas.

Todo ensaio seguíamos alguns rituais. Começávamos sempre com uma meditação e, após, criávamos, por meio de improvisação, uma oração para a Nossa Senhora das Bichas (ou essa bicha divina que há dentro de cada uma de nós). Todo ensaio era criada uma versão diferente, que dependia das necessidades latentes de cada uma naquele dia. A ideia era exercitar na palavra a construção de uma dramaturgia. Muitas dessas orações eram baseadas na “Ave-Maria” ou na “Salve-Rainha” Assim, improvisávamos um ritual de adoração à Nossa Senhora das Bichas. Um exemplo de oração feita por nós:

Bendita Mãe que nos acolhe, Bendita Mãe das Bichas  
Queremos agradecer pelo dia de hoje  
Por mais um dia vivas  
Dai-nos as suas bênçãos hoje e sempre  
Proteja-nos do homem mal  
A nós e a nossas manas  
Assim seja.

Futuramente, uma dessas orações foi utilizada no texto do curta “Louvade Seja”.

Na época, a construção da dramaturgia tinha um viés de mimetização das ritualidades cristãs, algo que foi aos poucos sendo minimizado, dando espaço para outras referências religiosas. Essa influência cristã inicial se deu pelo tipo de lar no qual crescemos. SOUMA veio de um lar evangélico, enquanto eu de um lar católico. Em vários níveis, essas vivências afetaram quem somos e a nossa visão do divino. Invocávamos essas memórias da infância, seja no culto ou na missa, para encontrar a resposta para o que é o/a/e divino/a/e em cada uma de nós. As cenas foram sendo construídas através das improvisações que essas memórias inspiravam.

Outro exercício utilizado nesse processo foi o de invocação dos nomes "das que vieram antes". Dentro de exercícios de exatidão e/ou meditativos, era proposto que viessem nomes de bichas que fazem parte do nosso imaginário e foram importantes para a nossa formação. Inicialmente, eram invocados os nomes das bichas que vieram antes, bichas que foram parte da história, (ou, em alguns casos, que foram esquecidas pela história mesmo que importantes) como Dandara dos Santos, Marsha P. Johnson<sup>5</sup>, Ney Matogrosso, entre outras.

---

<sup>5</sup> Marsha P. Johnson foi uma mulher trans, que atuou como ativista social pela libertação LGBTQIA+, nos Estados Unidos. Johnson foi uma das personagens proeminentes da Rebelião de Stonewall, em 1969. A Rebelião de Stonewall foi uma série de manifestações violentas e espontâneas de membros da comunidade LGBT contra uma invasão da polícia de Nova York que aconteceu nas primeiras horas da manhã de 28 de junho de 1969, no bar Stonewall Inn, localizado no bairro de Greenwich Village, em Manhattan, em Nova York, nos Estados

Bichas que vieram antes e ajudaram a chegarmos aqui. Também cabiam bichas que conhecemos, bichas que fizeram parte da nossa história, que nos são espelho, como aquela bicha do nosso bairro de infância, que quase nunca sabemos o nome, mas que conhecemos de vista. Em todo bairro há uma bicha assim.

A seguir, eram invocados também os nomes daquelas que estão conosco, ao nosso lado todo dia, as manas que constroem com a gente. São nossas amigas, irmãs, parceiras e colegas do dia-a-dia. Por fim, era proposto dançar com esses nomes. Encontrar uma nova forma de se movimentar, através da entoação dos nomes das bichas.

O objetivo desse exercício era construir um corpo-memória, um corpo-santuário, onde pudéssemos fazer um tombamento das memórias dessas bichas. Com isso, santificar as existências dessas bichas. Com isso, celebrar os dias de vida. Ao invés de contar quantas de nós foram mortas, contar os dias de vida que temos. Mais para frente, essa ideia seria retomada em “Louvade Seja”, quando SOUMA repete “Chegamos até aqui”, como um mantra, no final do filme. Assim, ela celebra o fato de que, apesar de tudo, apesar de um mundo que quer ver as pessoas LGBTQIA+ mortas, chegamos até aqui.

Nessa época, entendíamos que essa bicha divina, essa Nossa Senhora das Bichas, viria da construção de um corpo divino que representasse todas as bichas. Ideia esta que foi posteriormente abandonada e trocada pela de que não poderíamos construir uma divindade que abarcasse todas as singularidades das inúmeras bichas. Poderíamos apenas construir uma divindade para as nossas bichas individuais. Uma divindade para SOUMA e uma outra para mim mesma.

Essa percepção veio através do contato com outros artistas, como Castiel Vitorino, cujos trabalhos se baseiam em romper com as formas de espiritualidade impostas e, assim, construir uma própria, individual, de dentro para fora. Também com as percepções levantadas pelos alunes na oficina “Em Busca de Uma Divindade Bicha”, entendemos que seria muita presunção criar uma divindade que representasse a grande diversidade do que é ser bicha. Mais para frente, falarei mais dessas percepções, quando for falar da oficina, contudo adianto que elas me fizeram ver a infinitude de percepções e definições do que é ser bicha. Não é à toa que tem um + na sigla do movimento, pois são muitas as possibilidades da bicha.

Em outro exercício, pedi para SOUMA responder três perguntas com músicas:

1- O que é ser bicha?

---

Unidos. Esses motins são amplamente considerados como o evento mais importante que levou ao movimento moderno de libertação gay e à luta pelos direitos LGBT no país.

2 - O que há de divino na bicha?

3 - Qual a história dessa bicha?

Para a primeira pergunta, ela escolheu “Diaba” (2049), da cantora Urias:

Muito prazer, eu sou o oitavo pecado capital  
Tente entender, eu sempre fui vista por muitos como o mal  
Não consegue ver, que da sua família eu sou o pilar principal?  
Possuo você, possui você

Sua lei me tornou ilegal, me chamaram de suja, louca e sem moral  
Agora vão ter que me engolir por bem ou por mal  
Agora que eu atingi a escala mundial  
Navalha debaixo da língua, tô pronta pra briga  
Navalha debaixo da língua

Não sou nova aqui, não te peço licença  
Sua permissão, nunca fez diferença  
Com toda educação, foda-se sua crença  
Foda-se sua crença

Para a segunda pergunta, ela escolheu “Mulher” (2017), da Linn da Quebrada:

De noite pelas calçadas  
Andando de esquina em esquina  
Não é homem nem mulher  
É uma trava feminina  
Parou entre uns edifícios, mostrou todos os seus orifícios  
Ela é diva da sarjeta, o seu corpo é uma ocupação  
É favela, garagem, esgoto e pro seu desgosto  
Está sempre em desconstrução

Nas ruas pelas surdinas é onde faz o seu salário  
Aluga o corpo a pobre, rico, endividado, milionário  
Não tem Deus  
Nem pátria amada  
Nem marido  
Nem patrão  
O medo aqui não faz parte do seu vil vocabulário  
Ela é tão singular  
Só se contenta com plurais  
Ela não quer pau  
Ela quer paz

Seu segredo ignorado por todos até pelo espelho  
Mulher

Mulher, mulher, mulher, mulher, mulher, mulher, mulher

Nem sempre há um homem para uma mulher, mas há 10 mulheres para cada uma  
E uma mulher é sempre uma mulher  
E uma e mais uma e mais uma e mais uma e mais outra mulher

É sempre uma mulher?

Ela tem cara de mulher

Ela tem corpo de mulher  
 Ela tem jeito  
 Tem bunda  
 Tem peito  
 E o pau de mulher!

Por fim, para a última pergunta, ela escolheu “Dandara” (2017), de GUIGO:

Três da matina, acorda cedo  
 Criando ódio, alimentando o medo  
 Ela vive assim  
 Dois filhos, um emprego  
 Sem paz, nem sossego  
 Criou coragem começou bolar a sua saída

Pro fim criou verdade  
 Imaginou felicidade  
 Pensou por um segundo, poderia ser assim  
 Bolar sua liberdade  
 Dez anos de maldade, dez anos de maldade em cima de mim

E ouviu-se um bang, um boom e ouviu-se um ta tá  
 E um boom

E ela o atingiu  
 Se feriu, se matou  
 Ela não fugiu, não, não fugiu  
 Ela não fugiu, não correu, não chorou  
 Ela o atingiu  
 Há e aí?

Beira de um rio  
 Beira de um rio

E eu caí  
 Não pôde perceber  
 Sua vida num rompante parava de existir  
 Já era tarde, vermelho em toda parte  
 Ela ia deixar saudade  
 Um grito ao conseguir, que diz  
 Volta, volta, e volta

Ei  
 Segura o boom  
 Ao som da liberdade  
 O assunto se espalhou por cada canto da cidade  
 Ela foi refém do amor que achou que existiu  
 Só resultou em dor  
 E planejou a sangue frio  
 Mas se arrependeu  
 Começou a tremer  
 Seu joelho cedeu  
 Não conseguiu conter  
 Seu último suspiro foi pra deixar claro quê  
 Mais uma que morreu, só querendo viver

Com esse exercício e as três músicas, traçamos uma linha dramatúrgica. Muito da construção da esquete vem de inspirações de dança e música. Tempos depois, quando fizemos a oficina “Em Busca de Uma Divindade Bicha”, percebemos que essas mídias são universais entre as bichas. Não à toa, muitas de nossas primeiras referências são de cantoras. Quando perguntamos aos alunos da oficina referências nas suas formações como bicha, elas citavam Madonna, Lady Gaga, Pablllo Vittar e demais outras pessoas artistas do meio musical. Assim, na cena inicial e na cena final da esquete tocava a música “*I Feel Love*”, da cantora Donna Summer, música-hino símbolo de libertação da comunidade LGBTQIA+. Além de a música passar a mensagem essencial da esquete: o amor liberta. Nesse caso, o amor da personagem principal por suas filhas a libertou das amarras. O amor a libertou e santificou.

A personagem principal e narradora da história era essa bicha divina, interpretada por SOUMA. Para a construção dramatúrgica da esquete Nossa Senhora das Bichas, construímos uma personagem através dessa pesquisa, essa personagem que também carregava o nome do trabalho. Nossa Senhora das Bichas seria uma mãe para as bichas. Como as santas católicas, ela existiu, fez atos maravilhosos e foi canonizada. Em uma das primeiras versões do texto dramatúrgico, SOUMA construiu um pequeno texto, narrado pela Nossa Senhora das Bichas, contando a história de cada uma de suas filhas:

Aurora, minha cantora, sempre cantarola pela casa e pra mim quando chego depois de um dia cheio.  
Depois veio Lúcia, minha menina dos cabelos escuros. Tímida e ama ler. Muitas vezes sou levada pelas inúmeras histórias que ela que me conta.  
Petra é minha dourada, posista, a modelo da família.  
E tenho Diego, meu meninão. Sempre toma conta de mim, sempre me apoiando e sendo o homem mais incrível que já conheci nessa vida.

Assim como Nossa Senhora, matriarca da Igreja Católica, a personagem principal da esquete, essa Nossa Senhora das Bichas, seria uma mãe. Uma bicha mais velha, mãe de várias bichas abandonadas. Ela é santa por existir, por ainda estar viva, passando da expectativa de vida de tantas LGBTQIA+. É uma existência a ser lembrada, santificada e tombada como monumento de homenagem. Ao longo do trabalho, ela vai contando a sua história. Contando as histórias de suas filhas, ela traça a história de si mesma e como se tornou uma santa, uma bicha divina. Tornou-se santa não por morte ou por ter se tornado mártir, mas por conta do seu grande amor. Uma santa canonizada em vida.

Nesse sentido, a história da esquete era sobre a Nossa Senhora das Bichas, uma mãe bicha, e sua família. O tema era sobre o amor. E como as pessoas LGBTQIA+ muitas vezes não encontram afeto ou abrigo na família de nascença. Poucas são as privilegiadas que são

aceitas pela família. Assim, elas formam outras famílias, as famílias que elas escolheram. Como um Jesus bicha, a Nossa Senhora das Bichas junta apóstolos ao seu redor, pessoas rejeitadas socialmente.

Mas a história não era sobre a tragédia, o abandono, como tantas histórias sobre LGBTQIA+, mas sobre o achado, o acolhimento e o amor dessas pessoas. Ao invés de falar de morte, falar de vida. Ao invés de contar quantas de nós foram mortas, contar quantos dias nós ainda estamos vivas. Ainda estamos vivas. Ao invés de abandono, falar de amor. Não é sobre os tiros que matam LGBTQIA+s, mas sobre os dias a mais de vida que elas têm. SOUMA e eu desejávamos construir uma história sobre acolhimento e amor, uma história sobre bichas amando umas às outras.

Além da referência católica, trouxe outros arquétipos femininos para a personagem, como a Rainha de Paus, arcano da corte do tarô, cujo símbolo é o girassol, que SOUMA carrega em cena. Também buscamos inspiração na Pombagira, entidade espiritual da Umbanda, e nas nossas vivências com a dança vogue para a construção corporal. Em cena, havia um corpo em culto e festa. SOUMA dançava com uma lâmpada de LED nas mãos, usando o objeto como cetro régio e, ao mesmo tempo, como arma contra as estruturas brancas cisheteronormativas. Em uma mão, um objeto de luta e defesa (a lâmpada/cetro régio). Em outra, um objeto de cuidado e beleza (o girassol) – como mostram as ilustrações 5 e 6.

Na cena final, SOUMA fazia uma bênção nas pessoas do público. Falando "A bicha que há em mim abençoa e ama a bicha que há em você", ela passava um óleo na testa de cada pessoa, seja ela bicha ou não. Afinal, entendemos que ser bicha é um estado divino e de libertação, em potencial. Pessoalmente, creio que ser bicha é ser livre de qualquer amarra branca cisheteronormativa. A esquete se encerra com um chamado a celebrar a vida da bicha. Das bichas. Um chamado a amar e sentir o amor.

Ilustração 5: Esquete “Nossa Senhora da Bichas” (2020)



FONTE: acervo pessoal

Ilustração 6: Esquete “Nossa Senhora da Bichas” (2020)



FONTE: acervo pessoal

Com a esquete, levamos a outras bichas o que tanto remoíamos em sala de ensaio. Percebemos que nossas ideias faziam sentido. E que haviam outras bichas que se sentiam como nós nos sentíamos. Havia outras bichas que também desejavam se libertar e encontrar as suas próprias formas de se relacionar com a sua espiritualidade. Com a esquete, conseguimos chegar onde queríamos até aquele momento: criar um lugar de acolhimento e amor para as bichas. Percebemos que, assim como Castiel, assim como Ventura, e assim como tantas outras divas que nos inspiramos, é possível edificar uma igreja onde as vidas das bichas sejam valorizadas. Essa igreja verdadeiramente de amor.

### **3.2 Oficina “Em Busca de Uma Divindade Bicha”**

A esquete “Nossa Senhora das Bichas” era um experimento para a construção de um espetáculo maior. O passo seguinte seria cruzar os resultados dela com os novos aprendizados que tivemos conversando com as pessoas que viram o trabalho e, assim, levantar cenas para o espetáculo com tempo de duração maior. Contudo, veio a pandemia de COVID-19.

Assim como tantos outros, a pandemia me fez dar um passo para trás. Com o isolamento social, não foi possível ter ensaio e construir cenas presencialmente. Pus-me a estudar novos autores e rever as ideias levantadas até então para a pesquisa. Ao invés da sala de ensaio, me propus a trocar experiências e aprender mais sobre a minha própria pesquisa, através da voz de outros. Eu queria ir de encontro a outras bichas e escutar o que elas tinham a dizer sobre meus questionamentos. Quais as respostas que me dariam para as três perguntas que envolvem o meu trabalho? “O que é ser bicha?”, “O que é uma divindade?” e “O que é uma Divindade Bicha?”. Eu queria saber o que mais bichas achavam sobre essas questões.

Para isso, em parceria novamente de SOUMA e de Diana Barreto – atriz convidada para integrar como professora nesse novo projeto – , formulamos a oficina que chamamos “Em Busca de Uma Divindade Bicha”. Esse projeto foi um desdobramento da pesquisa para o espetáculo derivado da esquete. Essa oficina tinha como objetivo principal entrar em contato com jovens bichas e escutar as suas respostas a esses meus questionamentos.

Importante explicar que, dentro do projeto maior para concepção do espetáculo, havia um cronograma de oficinas e performances para que fossem geradas trocas de vivências e

ideias sobre o que é realmente ser uma bicha, material para construção dramatúrgica. Anteriormente, essa oficina havia sido idealizada para o âmbito presencial, com treinamento de corpo através de aulas de Vogue<sup>6</sup> e da busca de um corpo de baile/corpo-bicha. Contudo, com a pandemia, a oficina teve de ser adaptada e realizada à distância, através da Plataforma Zoom, com o novo nome: “Em Busca de Uma Divindade Bicha”. Ela foi realizada em parceria com o IECAP (Agência de Transformação Social), uma organização da sociedade civil sediada em Brasília, Distrito Federal. Os participantes foram os alunos de teatro da instituição, com faixa etária variando entre os 19 aos 25 anos.

No projeto para a oficina presencial, foram planejados quatro dias de atividades, quando as participantes se debruçariam na busca da sua bicha divina, partindo do princípio que cada uma tem sua bicha divina própria internalizada. O objetivo seria fazer uma conexão e trazê-la à tona, projetar externamente a sua bicha. Para isso, a oficina seria dividida em quatro etapas, cada uma em um dia, construindo um caminho para essa bicha se materializar:

- **Acordar a bicha:** em exercícios imersivos, a ideia seria buscar na memória da infância onde está a origem da sua bicha individual. Quais são as primeiras lembranças e percepções dentro do universo bicha? Quais as primeiras referências e figuras que inspiraram a sua bicha? Aqui seria o momento de entrar em contato com a criança-bicha<sup>7</sup> e, de certa forma, dar as mãos a ela. Reencontrar a criança-bicha de cada uma e olhar as origens da bicha, abraçando-as.

---

<sup>6</sup> Dança moderna estilizada, que se caracteriza por posições e linhas corporais definidas por linhas e poses, muito usada durante bailes LGBTQ+ (ou *balls*, o título em inglês).

<sup>7</sup> Recentemente, popularizou-se o uso do termo “criança-viada”, principalmente após a polêmica da exposição “Queermuseu - Cartografias da Diferença na Arte Brasileira”, do Santander Cultural de Porto Alegre, em 2020. Neste trabalho, eu opto pelo uso dos termos “bicha” ou “criança-bicha” e suas variações em vez de “viado” ou “criança-viada”. Creio que tanto “bicha” quanto “viado” se encaixariam bem aqui. O uso de um termo por outro foi uma decisão pessoal. Ao pesquisar sobre as origens dos significados das palavras “bicha” e “viado” para traçar nomenclaturas que se encaixassem melhor na minha pesquisa, identifiquei na palavra “bicha” um aporte de abrangência maior. Alguns historiadores creem que a origem do termo “viado” é uma associação ao animal “veado”, que possui características ainda vistas como sinais de fragilidade e muitas vezes associadas ao feminino. Os veados, durante o período de reprodução e sem poderem contar com uma fêmea, acabam depositando o esperma em outros veados. Todos esses aspectos teriam contribuído para que se associasse o termo aos homens homossexuais. Já o termo “bicha” remontaria à corça, fêmea do veado, que em francês é chamada de “biche”. Sendo assim, parece plausível que os homens que frequentavam a subcultura estivessem simplesmente fazendo um trocadilho com a palavra ‘viado’, ao que adotaram um toque de sofisticação com o uso do termo francês. Além disso, ‘biche’ era também usado na França como um termo afetuosos para uma jovem mulher. Bicha também era empregado no passado como sinônimo de prostituta. Sendo assim, seria possível que prostitutas efeminados costumassem se referir, em tom de brincadeira, a seus amigos e colegas como “bichas”. É importante perceber que, assim como “viado”, a palavra bicha também está ligada ao feminino. Esses termos acabaram sendo entendidos como sinônimos de passividade e fragilidade, ideias que caracterizavam as mulheres em um mundo dominado pelos homens. No Brasil, a palavra “bicha” é um termo muito usado pelas travestis e trans para chamar umas às outras. Queria um termo que não falasse apenas dos homens gays cis, mas também de outras figuras da comunidade LGBTQIA+, que borram as binariedades.

- **Me reconhecendo no que me inspira:** no segundo dia, dando continuidade ao que teria sido vivido no encontro anterior, sairíamos da infância para a adolescência e os dias atuais. O foco seria visitar o que inspira e molda a bicha divina interna. Dentro de nós, carregamos um pouco das histórias e memórias das pessoas ao nosso redor. São tanto pessoas famosas quanto amigas e parentes. As inspirações bichas podem vir de divas pop, da memória de bichas famosas, das bichas que vieram antes e se foram ou também de bicha do convívio, amigas e parentes. São essas as inspirações e influências da bicha. Nesse segundo dia, entra-se em acesso a essas pessoas a fim de encontrar o que nelas forma a bicha divina de cada uma.
- **Saindo do casulo:** seria o momento de utilizar o que foi desenvolvido nos dois dias anteriores para começar a trazer para fora a bicha divina de cada uma. Momento de exercitar no corpo o que forma essa bicha.
- **Apresentar a bicha para o mundo:** na finalização, seria feito um debate sobre as experiências vividas na oficina e, caso alguém se sentisse a vontade, também seria um momento de expôr um pouco da bicha de cada uma. Momento aberto para apresentação, dublagem ou apenas falar um pouco da sua bicha.

Ao longo dos quatro dias, SOUMA, Diana e eu trabalharíamos com os alunos disparadores pré-expressivos para que fosse construída essa persona da bicha que seria apresentada. Também seriam utilizados elementos de dança, música, maquiagem e figurino. Era planejado também fazer alguns registros da oficina, como vídeos, fotos e depoimentos, que seriam compilados em um minidoc<sup>8</sup> de disponibilização gratuita.

Com a mudança do formato presencial para o digital, tivemos de adaptar a metodologia para esse novo cenário. Para o primeiro dia de oficina, eu fiz um esquema de aula baseado em três perguntas, que fiz para os alunos:

- O que é ser bicha?
- O que é divindade?
- Há algo de divino em ser bicha? Se sim, o quê?

Essas três perguntas foram usadas como disparadores de discussões. Através do que fosse apresentado nas respostas e na receptividade dos alunos, eu poderia traçar melhor um plano para os próximos três dias de oficina.

Logo no primeiro dia de oficina, percebi o interesse dos alunos pelo mundo *drag*. Inclusive, eu falei das minhas experiências nessa área. Provavelmente, existe um motivo para

---

<sup>8</sup> O minidoc não pode ser concretizado, porém todas as aulas foram registradas no YouTube. Os links das aulas podem ser acessados nas Anexos.

as bichas se interessarem tanto em se montar. É a chance de viver o sonho, ser quem deseja ser. As bichas, muitas vezes, escolhem fazer *drag* porque é uma forma de botar para fora a grande bicha que há dentro dela, uma forma de realizar os sonhos da sua criança de um dia ser uma grande ser luminoso, com presença e força. Cheio de glitter e plumas, atraindo os olhares aonde for. A chance de ser um ser luminoso e empoderado. Uma bicha divina.

Sendo assim, a arte *drag* entrou para o conteúdo da oficina. Eu propus aos meus alunos que eles poderiam escolher “encontrar a sua *drag*” como produto final individual. Mas eu também abri caminho para outras possibilidades, como a construção de uma personagem que não seja *drag*. O produto final individual ficaria a critério de cada um delus.

No segundo e no terceiro dia, SOUMA e Diana Barreto, uma em cada dia, respectivamente, falaram das pesquisas de suas bichas divinas individuais e também do processo de construção de *drag*, que, de certa forma, faz parte do processo de despertar da bicha divina interna. Inclusive, em conversas durante a oficina, com os alunos, percebemos o quanto a busca dessa bicha está muito interligada com a nossa busca pessoal por uma identidade como LGBTQIA+ e com a busca por uma identidade como artista, muitas vezes ligadas à *drag*. O lado pessoal está muito entrelaçado com o que fazemos e pensamos. Creio que é porque nós, como comunidade marginalizada, encontramos poucos espaços para discutir sobre a nossa própria identidade e encontramos na arte uma via de pôr para fora nossas questões e desejos, muitas vezes corporificados na figura da *drag*.

Os três primeiros dias foram basicamente uma roda de conversa, em que todes falaram sobre vivências e concepções sobre o que é ser bicha. E a sua importância social, claro. Uma alune me perguntou se eu não me importava de “gastarmos” tanto tempo em discussão, e eu respondi o que tem ali acima, que nós bichas encontramos tão pouco espaço para falar sobre ser bichas, que eu acredito que devemos falar mais e mais. Falar sobre já é mais importante do que eu passar diversos exercícios de criação. Na verdade, eu acredito que essas discussões já são um exercício de criação. Quando uma pessoa escuta sobre a bicha da outra ou sobre o processo de criação, ela traz para si e se espelha. As bichas precisam de exemplos e representatividade.

Diana é uma mulher trans em recente processo de transição. Ela fazia *drag* até pouco tempo, o que foi muito importante para o processo de sua identificação como pessoa trans. No terceiro dia, ela falou sobre a sua vida artística e sobre ser artista LGBTQ+. Ela me falou que amou poder falar sobre seu trabalho, já que quase sempre a chamavam para falar sobre temas envolvendo ser uma mulher trans, como se as pessoas trans somente pudessem falar sobre isso, o que me fez refletir: onde estão os espaços para as bichas falarem sobre bichas e sobre

ser bicha e sobre trabalhos como bicha, não necessariamente trabalhos que envolvam o ser bicha? As bichas são carentes de lugares para falar. Essa foi a maior percepção que tive com a oficina. Precisamos abrir espaços para as bichas falarem.

A oficina “Em busca de uma Divindade Bicha” foi muito importante para que se abrisse a minha percepção sobre o tema e sobre a importância dele. Antes, eu achava que era algo muito meu, muito sobre mim. Hoje, eu percebo o quanto é necessário falar sobre bichas, sobre o orgulho de ser uma e sobre ajudar outras bichas a acharem a sua própria bicha divina. É como a frase final do espetáculo “Nossa Senhora das Bichas” já profetizava: “A bicha que há em mim saúda e ama a bicha que há em você”.

Afinal, o que é ser bicha? Pergunta que permeou toda a oficina, desde o primeiríssimo dia. Quando eu pensei na oficina, eu pensei baseada nessa pergunta, que é a pergunta que permeia o espetáculo. João Silvério Trevisan (2018) fala algo muito pertinente sobre isso no seu livro “Devassos no Paraíso”:

Homossexual é exatamente isso: duvidoso, instaurador de uma dúvida. em outras palavras: alguém que afirma uma incerteza, que abre espaço para a diferença e que se constroi em signo de contradição frente aos padrões de normalidade. Ou seja: trata-se do desejo de devir e, portanto, como afirmação de uma identidade itinerante (TREVISAN, 2018, p. 42).

No trecho acima, ele cita o homossexual, mas esse exemplo se encaixa perfeitamente com outros tipos de bichas e com a comunidade LGBTQ+ em geral. Aqui é preciso deixar explícito: bicha não é somente o gay, homossexual masculino, mas um devir, uma ideia, um ideal, um objetivo, como falaram os alunos da oficina. A bicha é empoderamento, disse um aluno. Bicha é poder, outro disse. Bicha é diva.

Segundo o Dicionário Michaellis (2022), a diva é “uma divindade feminina, uma musa, uma mulher da qual se faz uma musa inspiradora”. Se a bicha é uma diva, ela é uma musa que os demais olham e idealizam ser aquilo. Todos temos uma bicha dentro de nós, uma musa que queremos ser, é o que acredito. Por muito tempo, achava que isso era uma ideia que somente eu tinha, mas percebi conversando com outras bichas, principalmente durante a oficina, que eu não estou sozinho nisso. Outras bichas acreditam no que eu acredito.

O poeta potiguar Paulo Augusto (2003) eternizou a ideia de que “Ser bicha é um estado de espírito,/ de choque, de sítio/ de graça./ É ter parte com o demônio,/ aprendiz de feiticeira,/ É estar entre, no meio, ser meta-de/ outros homens”. Os homens – e mulheres também – deveriam ser um pouquinho mais bichas, eu acredito. Se matarmos todo dia um pouquinho mais o macho dentro da gente, eu creio que teremos um mundo melhor para

sermos nós mesmos. Um mundo melhor para sermos felizes, respeitando e amando livremente uns aos outros. É a utopia que quero criar com essa oficina e com o espetáculo “Nossa Senhora das Bichas”.

Durante a oficina, uma das alunas, uma menina cis, que gostaria de ser chamada de Flor, declarou que ser bicha é ser livre e poder expressar a sua vontade. Para ela, divino é elevar o estado do ser e que ser uma bicha divina é um manifesto de libertação. L, outro aluno, respondeu que ser é bicha é uma expressão que não depende de gênero e sexualidade. Também falou que ser divino é libertação, afinal o feminino tem algo de divino, portanto ser uma bicha é divino, porque ela abraça o seu lado feminino. Um aluno, que chamarei de E, se atentou ao fato de que “divino” é uma palavra que lembra outra: diva. As divas que as bichas tanto adoram e se espelham. U alune N disse que ser bicha é transcender ao ser, muito ligado ao divino. Em totalidade, os alunos deram respostas que chegam a pontos similares: que ser bicha é romper com amarras sociais, portanto é um ato divino. E profano.

Da oficina, os alunos trouxeram para mim outras percepções do que é ser bicha. Até então, com a esquete "Nossa Senhora das Bichas", acreditava que poderia construir uma divindade bicha que pudesse representar todas bichas. Acreditava que ser bicha era uma definição única. E, assim, as bichas tinham histórias similares. Percebi que isso não é verdade. As respostas e as percepções dos jovens participantes da oficina me fizeram perceber a quase que infinita diversidade de identidades bichas. Inclusive, que não existe resposta para o que é ser bicha. Posso apenas definir o que é para mim. Nesse caso, para mim, ser bicha é sobre ser livre. Ser bicha é alguém que apenas é, seja como for.

Com as falas dos alunos e as ideias de Castiel e Ventura, entendi que o meu passo seguinte deveria ser ir em busca das minhas origens. Assim, criar uma divindade bicha para mim. Em um processo que vem de dentro para fora. O máximo que eu poderia fazer é ajudar outras bichas a também criarem as suas próprias divindades.

### **3.3 Curta “Louvade Seja”**

Com a experiência da oficina e o retorno gradual dos trabalhos presenciais, voltei a me debruçar sobre o processo dramatúrgico. O passo seguinte seria entrar em processo de construção do espetáculo derivado da esquete “Nossa Senhora das Bichas”, que foi pausado com a pandemia.

Contudo, com esse período entre ondas da pandemias, incertezas sociais e políticas, não conseguia me concentrar para escrever ou voltar para sala de ensaio e levantar cenas. Encontrava-me em um período emocional muito instável. Ainda havia a dificuldade de horários em comum entre SOUMA e eu. Por enquanto, enxergava como um sinal para dar uma pausa (temporária ou definitiva) no projeto.

Semanas depois, eu tive um sonho. Sonhei que estava construindo uma cena de um filme, onde a SOUMA preparava um banho de ervas. Despertei de madrugada e anotei o sonho. Ao longo do dia, essa cena sonhada não saía da minha cabeça. Comecei a escrever textos para essa cena. Assim, surgiu um roteiro para de um curta-metragem, que falava dessa bicha preparando um banho de ervas para se preparar para um ritual. Esse seria um ritual de libertação.

Assim, vindo de um sonho, surgiu a ideia de “Louvade Seja”.

Com o roteiro pronto, mostrei a SOUMA, que gostou e aceitou participar desse novo projeto.

Para a realização do filme, convidei PH Ximenes para me ajudar na direção e edição das cenas. As gravações ocorreram em dois dias: o primeiro dia nas cachoeiras do município de Pacatuba (Ceará) e o segundo dia no Teatro Universitário Paschoal Carlos Magno. SOUMA estava novamente comigo na atuação e na construção dramaturgica.

Eu agreguei à dramaturgia as minhas diversas experiências com espiritualidade. Trouxe referências da minha infância, como contos de bruxas, vivências com rezadeiras e ritos católicos. Assim como outras experiências religiosas, como ritos neopagãos, afro-brasileiros e sessões de espiritismo. Tudo isso, misturado com os aprendizados sobre divindade e identidade bicha, que tive nos processos anteriores. Juntei todas essas influências para contar uma história – que também é a minha história pessoal – sobre a busca de uma divindade bicha, uma busca que vem de dentro para fora.

Posso dizer que esse trabalho é a edificação de uma igreja, da minha igreja-bicha, onde rege o culto à vida e o corpo da(s) bicha(s). A edificação de uma ordem, onde a vida da bicha é possível, onde a bicha é um corpo que importa, é um *matter*. O corpo possível de Judith Butler. É uma síntese do que vim construindo ao longo desses mais de dois anos de pesquisa. Sobre a pesquisa e sobre mim mesma. É uma forma de eu dizer que o meu corpo, livre das amarras de gênero, é possível, ele existe, é material, é importante.

De certa forma, posso dizer que foi com esse trabalho que consegui externalizar os meus anseios, não somente sobre a minha espiritualidade, mas sobre a minha própria

identidade. A história do filme é uma analogia com a minha própria busca e a minha própria percepção como pessoa não-binária. Ao longo desses dois anos, aprendi muito com esse trabalho. Esse filme é sobre olhar para si. É sobre estar feliz por não precisar se encaixar em padrões que não lhe representam. É sobre romper com as imposições binárias-cis-cristãs-brancas. É sobre entender e acolher a existência como a dissidência falada por Preciado, no começo do texto. Gosto da ideia deste autor de que somos habitantes de um outro planeta, não tão longe da Terra, onde é possível fazer uma visita e nos conhecer melhor, se quiser. Não somos da Terra. E nem queremos ser. Um dos objetivos do filme é mostrar que é possível existir além da binariedade homem/mulher.

Preciado falou sobre contrassexualidade e dissidência fora das binariedades homem/mulher, gay/hétero, cis/trans. Donna Haraway falou sobre o manifesto ciborgue e sobre a possibilidade de construção dos nossos corpos da forma que desejamos. Creio que esses dois pensamentos no fim falam da mesma coisa: que é possível construir um casulo e renascer como a borboleta que todas/todes/todos desejamos ser. Ser bicha é ser essa borboleta. Quando uma bicha nasce para si, ela nasce para o mundo também e, assim, ela se completa. Cria materialidade.

Por isso, “Louvade Seja” é sobre libertação. É um tratado sobre a materialização das corpos-bichas.

O filme conta a história de uma bicha que está se preparando para um ritual de libertar o seu corpo material para abrir espaço para a bicha divina. A história é uma analogia sobre a libertação de padrões espirituais impostos e, assim, a construção de uma espiritualidade pessoal. Nas cenas, a bicha interpretada por SOUMA anda pela mata atrás de ervas. Interage com a natureza. No texto, traz uma invocação interna de uma bicha divina dentro de si, a despeito de uma ausência de representatividade externa. Se o mundo não a acolhe e aceita como é, ela clama por uma força que vem de dentro. E, com ela, transformar o mundo, o seu mundo, de dentro para fora. De si para o mundo. Como Ventura, ela rompe com as construções espirituais estabelecidas e constrói para si uma espiritualidade própria.

O curta foi dividido em três cenas.

A primeira cena começa apenas com som em off de vocalizações de SOUMA entoando a seguinte oração, como se estivesse rezando um terço católico:

Bem aventurades aqueles que implodem a norma cis branca.  
 Bem aventurades us que crêem na vitória da travesti.  
 Não há condenação, apenas glória.  
 Não há desviadas na Santíssima Trindade, não há padroeiro para us que são afeminades, não há uma Nossa Senhora da Bichas.

Se não há um Deus para mim lá fora, eu decidi usá-lo em mim.  
 Um Deus que é Deusa, uma beladona.  
 Um Deus que não condena, mas acolhe e ama.  
 Uma mãe para as bichas.

Aos poucos, a voz de SOUMA se mistura com os sons da cachoeira. A seguir, as imagens da natureza vão surgindo. Essa cena dura mais ou menos um minuto. Na transição para a próxima cena, as vocalizações vão parando e ficando apenas o som da natureza, mais especificamente o som da cachoeira.

Na segunda cena, passam diversos cortes de SOUMA na mata, carregando um facão para cortar plantas e coletar ervas, que vai colocando em uma peneira de vime. Em outro corte, ela carrega uma chaleira, que usa para buscar água na cachoeira. Ela reúne todos esses materiais para a preparação de um banho. Essa cena é uma espécie de ritual de purificação, um banho de ervas, onde ela prepara o seu corpo para transcender. No caso, purificação das normas binárias-cis-hetero-brancas. É preparação para assumir-se plenamente como se é, tomando para si o seu local. Uma analogia ao meu processo de entendimento como pessoa não-binária.

Assim como no processo da esquete “Nossa Senhora das Bichas”, o texto do filme foi construído a partir de orações que fomos elaborando em exercícios:

Louvade! Louvade seja! Mãe e pai eterna. A Grande Bicha que há em mim. Que há em todes nós. Mãe daquelas que dançam. Daquelas que falam com os dedos estendidos. Mãe daquelas que batem de frente. Mãe daquelas que acolhem. Mãe também daquelas que não falam, que se calam para sobreviver. Olhai por nós todes, pois somos fortes mas também fraquejamos. Somos bichas. E você sabe bem o que é ser bicha.

Ao invés de pedir, eu quero dançar para você. Dançar pela vida. Dançar por mim. Dançar a Grande Bicha que há em mim. Celebrar a mim, que estou mais um dia viva. Celebrar a todos, todes e todas as minhas irmãs por mais esse aniversário de vida. Obrigado, minha Mãe, por estarmos vivas. Chegamos até aqui.

Chegamos até aqui.

Chegamos até aqui.

Essa frase final é um mantra. Dito em diversos tons e inflexões vocais, ela ecoa a importância de afirmarmos que “Chegamos até aqui”. Ela pode estar falando sobre os espaços. Finalmente, bichas estão ocupando como protagonistas espaços culturais como teatros, por exemplo. Além disso, ela é um grito de vitória, um aviso de que, apesar de tudo, apesar de uma sociedade que nos quer mortas, estamos vivas. Chegamos até o dia de hoje. Vivas. Chegamos até aqui.

A cena final começa com a repetição dessa frase. Na tela, SOUMA atravessa o Teatro Universitário, segurando um enorme galho, e vai até o palco. O galho pode representar a ligação com a natureza, ligando as cenas em Pacatuba com a cena no teatro. Ao subir no palco, a personagem de SOUMA representa o ato de transcender, tomar para si o protagonismo de quem é. Aquele espaço é dela, e ela vai tomar de volta para si. Ela repete “Chegamos até aqui” até o fim da cena, quando ela bate o galho no chão, reivindicando aquele espaço.

O curta teve a sua estreia em Julho de 2022, no Teatro Universitário Paschoal Carlos Magno. Foi divulgado apenas que seria a apresentação do filme. Contudo, SOUMA e eu preparamos uma performance para acontecer durante a transmissão. Como um espelho da cena final, SOUMA atravessou o teatro e subiu o palco, brandindo um enorme galho. Em paralelo com a cena final da esquete “Nossa Senhora das Bichas”, onde SOUMA abençoava o público, nessa performance ela usou o galho como objeto de benção. Ela balançava o galho em cima das pessoas, como uma referência ao que as benzedeiros fazem. Foi interessante observar a reação das pessoas. Algumas, fechavam os olhos, como recebendo aquela benção. Outras, estavam encantadas ou embasbacadas vendo SOUMA dançar com aquele pesado galho.

Por fim, assim como na cena final do filme, SOUMA reivindica aquele espaço, como se falasse “Preparem-se, pois chegamos até aqui”.

Ilustração 7: Cartaz utilizado para a divulgação da estreia do curta, em 2022.



FONTE: Pedro Victor

Ilustração 8: Fotos da performance durante apresentação do curta, em 2022.



FONTE: acervo pessoal

Ilustração 9: Fotos da performance durante apresentação do curta, em 2022.



FONTE: acervo pessoal

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS (PRÓXIMOS PASSOS)

Este trabalho é um trabalho sobre aprendizado.

“O que é ser bicha?” e “O que é uma divindade bicha?”.

Eu não tenho uma resposta definitiva para essas perguntas iniciais. Talvez, nunca encontre essas respostas. Ser bicha é algo tão complexo, que não existe uma definição simples e objetiva. Isso foi algo que meus alunos do IECAP me ensinaram. Porém, entendi que é possível, sim, existir uma divindade bicha. Enquanto houver bichas neste mundo, existirão divas e bichas divinas. Somos todas divinas. Não seremos eliminadas. Não iremos morrer. Pois somos a fonte da vida. Nós somos videira. Ser bicha é divino.

Com este trabalho, aprendi que o divino está em mim. E em cada uma de nós. E é dentro que devo/devemos procurá-lo. Esse é o evangelho da bicha. Eis a boa nova. Aprendi a importância da construção de espaços de encontro, pesquisa e formação artística para as bichas. Como docente, pesquisadora e diretora bicha, foi gratificante compartilhar esta pesquisa com jovens bichas. Muito elas me ensinaram. Creio que devo seguir levando essa boa nova às jovens bichas.

Para o futuro, também prospecto transformar o “Louvade Seja” em um espetáculo. Não sei quando ainda, mas está lá na frente essa ideia, como um horizonte que sei que irei atravessar um dia. Antes disso, desejo retornar aos alunos do IECAP e ter uma nova oficina com eles ou mostrar o que conseguimos desenvolver com o curta. Também desejo pôr em prática algumas performances derivadas desta pesquisa. Existem muitos projetos na minha cabeça. É preciso pregar a palavra da bicha divina a todas as bichas.

Mas isso é um projeto para o futuro.

Por enquanto, o meu maior projeto está em mim, todos os dias descobrindo um pouco mais sobre a bicha que há em mim.

## REFERÊNCIAS

AUGUSTO, Paulo. **Falo**. 1ª ed - Natal: Editora Sebo Vermelho, 2003.

BRASILEIRO, Castiel Vitorino: **Obra Reunida**. <https://castielvitorinobrasileiro.com/>  
<https://www.premiopipa.com/castiel-vitorino-brasileiro/>

BUTLER, Judith. **Corpos que importam**. 1ª edição - n-1: São Paulo, 2019.

HARAWAY, Donna. **Manifesto Ciborgue**: as vertigens do pós-humano. 1ª edição - Autêntica, 2009.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 4ª ed, rev., atual. e amp. - Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto Contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual**. 1ª edição - Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

PRECIADO, Paul B. **Um apartamento em Urano**: crônicas da travessia. 1ª ed - Rio de Janeiro: Zahar, 2019.

PROFANA, Ventura. **Plantações de Traveco Para a Eternidade**. 2021: <https://www.premiopipa.com/ventura-profana/>

VIDARTE, Paco. **Ética Bixa**. 1ª ed - São Paulo: N-1 Edições, 2019.

## ANEXOS

### **Esquete “Nossa Senhora das Bichas”:**

[https://www.youtube.com/watch?v=FOva4Yn5B\\_s](https://www.youtube.com/watch?v=FOva4Yn5B_s)

### **Oficina “Em Bucas de uma Divindade Bicha”:**

[https://www.youtube.com/playlist?list=PLdO\\_J5PrC6ouNw5UXtgud0UJChs\\_w6pDc](https://www.youtube.com/playlist?list=PLdO_J5PrC6ouNw5UXtgud0UJChs_w6pDc)

### **Curta “Louvade Seja”:**

[https://youtu.be/5L\\_teONMaDM](https://youtu.be/5L_teONMaDM)